

A DISCURSIVIZAÇÃO DA PROFISSÃO PROFESSOR NA REDE SOCIAL FACEBOOK: POSSÍVEIS ATRAVESSAMENTOS DISCURSIVOS

Renata Maira Tonhão Bolson¹

Ricardo Fagundes Carvalho²

Resumo: No cenário contemporâneo, o surgimento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação permeia a sociedade e pode gerar efeitos de sentidos diversos. Apresentamos resultados de pesquisa qualitativa materializados em redes sociais como o *Facebook* sobre a profissão professor. Interessa-nos flagrar quais sentidos reverberam nas postagens que circulam na rede eletrônica, especificamente, na página nomeada “Professores Sofredores”. Nosso *corpus* foi constituído por dizeres que circulam nas postagens da referida página para discutir e compreender as formações discursivas e os possíveis atravessamentos discursivos interpostos nos dizeres, analisando os efeitos de sentidos que são produzidos sobre a profissão professor. Sequências Discursivas de Referência (SDR) que são indícios sobre os processos discursivos (COURTINE) foram analisadas, fundamentadas na Análise de Discurso de matriz francesa, AD, e seus principais expoentes (PÊCHEUX; ORLANDI), nas Ciências da Educação e formação de professores. Os resultados parciais assinalam que as formações discursivas nas quais os sujeitos-professores se inscrevem são atravessadas por discursos-outros, como o neoliberal, ao reduzir o processo ensino-aprendizagem a uma função técnica, desqualificando a profissão. Os discursos sobre o significado da profissão trazem memórias históricas que reverberam sentidos e atualizam os discursos ou interdiscursos. Diante disso, é preciso contribuir para a desnaturalização dos sentidos produzidos na cibercultura.

PALAVRAS-CHAVE: *Facebook*. Professor. Análise de Discurso.

1. Introdução

No cenário contemporâneo, as redes sociais estão abertas para efeitos de sentidos plurais que se materializam nos discursos dos sujeitos e nas formas como estes se inscrevem na linguagem. Nesse sentido, o sujeito navegador tem a ilusão de ser origem do seu próprio dizer, a tudo acessar e enunciar. Posto isso,

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo; Licenciada em Letras pela UNISEB; Licenciada em Pedagogia pela UNINOVE; Membro do Grupo de Estudos GEPALLE (FFCLRP/USP) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6423595263277485> Contato: renatabolson@usp.br

² Mestre em Ciências pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo; Bacharel em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo; Licenciado em Letras pela UNISEB; Membro do Grupo GEPALLE (FFCLRP/USP) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6619049583609976> Contato: ricardofaguca@usp.br

analisamos, com base nos postulados da Análise de Discurso de matriz francesa, alguns dizeres da/sobre a profissão professor, quais os sentidos que são atribuídos à profissão, silenciados e/ou materializados, ‘postados’ em uma página da rede social *Facebook* nomeada “Professores Sofredores”. A seguir, analisaremos o *corpus* selecionado a fim de compreender como se constituem as condições de produção e os sentidos da profissão professor, dados pelas formações discursivas que constituem os sujeitos dos dizeres.

2. Redes Sociais: Sentidos em Movimento

As tecnologias oferecidas como o *Facebook* “tem em comum a habilidade para simular ambientes dentro dos quais os humanos podem interagir” (SANTAELLA, 2010, 99). Um espaço virtual, conhecido como ciberespaço, e aberto para os sujeitos-navegadores possam se dizer e buscar informações. O ciberespaço propicia que os dizeres circulem por meio da linguagem. Os sujeitos relacionam-se com os sentidos postos em circulação na rede eletrônica, mas essas relações, segundo Hall (2006), são capazes de alterar a forma como as identidades são localizadas e representadas no interior de cada sistema de representação, assim como no *Facebook*. O “espaço se configura de uma forma diferente, vai ganhando outros contornos, outras formas, e o sujeito vai produzindo outros sentidos para seus trajetos e outros trajetos para os sentidos” (DIAS, 2016, p. 39).

Lévy (1999, p. 121), coaduna sobre a formação das novas identidades e sentidos: “a multiplicidade e o entrelaçamento radical das épocas, dos pontos de vista e das legitimidades, traço distintivo do pós-moderno, encontram-se nitidamente acentuados e encorajados na *cibercultura*”. E ainda: “[...] é preciso ir mais longe, não ficar preso a um ‘ponto de vista’ [...] para abrir-se a possíveis metamorfoses sob o efeito do objeto” (p. 11).

Sendo assim, observamos que a Internet configura-se como um espaço polissêmico, onde os sujeitos podem ocupar diferentes posições ao se dizerem pela linguagem, o que muito nos interessa em nosso *corpus*, pois mobilizaremos pressupostos dados pela Análise do Discurso pêncheuxiana para perscrutar os sentidos recônditos.

2.1 A Rede Social: *Facebook*

A rede social *Facebook* é um espaço plural e disponível na Internet, aberto a inúmeras possibilidades de construção de sentidos, onde todos podem se dizer. O contexto sócio-histórico atual, também conhecido como pós-modernidade, apresenta uma fluidez de dizeres que circulam nas redes, um movimento de ir e vir em que o sujeito se vê autorizado a dizer o que pensa. Bauman (2001) salienta que a fluidez que caracteriza as redes sociais contrapõe-se a uma modernidade positivista que manifesta relações hierarquizadas e a ilusão de que os dizeres que circulam são neutros, homogêneos e até mesmo transparentes.

Acreditamos ser pertinente trazer para a discussão deste artigo a influência neoliberal na educação, pois o poder está relacionado diretamente ao saber, à produção de verdades, com a finalidade de produzir capital. As relações de poder se manifestam também nas redes sociais, são alimentadas, atravessam o corpo social e “[...] não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso” (FOUCAULT, 2015, p. 279).

De acordo com Paula (1998), pode-se dizer que a crise econômica instaurada na década de 1970 atingiu o mundo globalizado econômica e financeiramente. A consequência imediata foi a redução dos gastos nas áreas sociais (particularmente na saúde e educação), além da diminuição de postos no mercado de trabalho. É nesse contexto que surge a ‘onda neoliberal’ defendendo a ideia do Estado-mínimo. A lógica do pensamento neoliberal é reduzir os gastos públicos, ou seja, diminuir a participação financeira do Estado no fornecimento de serviços sociais. Isso ajudaria a combater o déficit fiscal do Estado, possibilitaria a redução de impostos e a consequente elevação dos índices de investimento privado. Assim, a economia voltaria a crescer, novos empregos seriam gerados, a renda do trabalhador seria elevada e, dessa forma, os serviços públicos de assistência social passariam a ser desnecessários.

Também como diz Paula (1998), a liberdade concedida à iniciativa privada, de gerenciar os serviços sociais, abre caminho à sua privatização, acarretando em redução de custos – anteriormente considerados gastos públicos – canalizando as relações entre duas instâncias: mercado e indivíduo. Essa lógica é, na verdade, uma reedição das formas de exploração que já vinham se fortalecendo desde o período das colonizações, seguidas pela revolução industrial. Períodos históricos de grande violência geralmente são entendidos como elos de cadeias reativas à miséria causada por essas formas de exploração. Credita-se ao marxismo a compreensão dos usos e efeitos que o homem faz e sofre em relação à matéria – prima ou trabalhada –, em relação à sua história como civilização. Um dos efeitos dessa forma de lidar com a matéria, com a produção, é a luta de classes. Tal compreensão oferece meios que levam a sociedade, como um todo, a disputar regras em um jogo político-econômico, frequentemente tendendo à polarização. A política educacional é um dos frutos dessa disputa de regras e Dias Sobrinho (2009) corrobora sobre o caminho trilhado pela educação, da condição de bem comum, passa para a esfera da mercadoria individualista.

Em paralelo com a esfera econômica, a história, segundo Nóvoa (1999), traz que inicialmente a função docente desenvolveu-se de forma subsidiária e não especializada, constituindo uma formação secundária de atuação de religiosos e leigos de diversas origens. Com o processo de estatização do ensino, deu-se a substituição de professores religiosos por professores laicos e sob o controle do Estado. O que nos remete a pensar sobre a influência neoliberal também no desenvolvimento da educação.

Esse histórico instiga-nos a analisar como a profissão professor é discursivizada em uma página do *Facebook*. Esta traz em seu breve histórico indícios de indignação e repúdio frente aos discursos que circulam e (re)produzem sentidos neoliberais. Segue o histórico extraído da página Professores Sofredores³:

Se você é professor, da rede pública ou particular, de escolas de idiomas ou profissionalizantes e professor universitário: esta é a comunidade para você desabafar, trocar experiências e reclamar do SALÁRIO e do crescente mau comportamento dos alunos. A classe docente precisa se unir e ser valorizada (logo)!

Então, se a sociedade demonstra viver um ideal positivista, pragmático, tecnicista influenciado pelo neoliberalismo, é preciso analisar como esse poder a permeia, “onde ele se torna capilar”, as micro-lutas cotidianas que se alimentam ideologicamente e que constituem a força que “[...] penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violentos.” (FOUCAULT, 2015, p. 282).

Na página em análise podemos observar, conforme mostra a Figura 1, a primeira nota de repúdio referente ao sentido neoliberal atribuído à profissão de professor. A angústia de quem tem sua profissionalidade esvaída de sentido e importância.

Figura 1 – Nota de repúdio



Imagem de capa retirada da página Professores Sofredores.

Isso nos faz perceber que existe uma tensão que transparece no espaço virtual, inevitavelmente constituído por sentidos e práticas neoliberais. Assim, queremos analisar como os dizeres no espaço virtual circulam. Será que as redes sociais oferecem espaços para a reflexão, para que os profissionais de educação possam se conscientizar dos reais interesses de sua profissão ou apenas se valem de práticas e conceitos que os “mantêm à margem, cada vez mais marginalizados, iludidos pelo ideal de vida do ‘consumo, logo existo’” (SOARES, 2015, p. 18).

³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/ProfessoresSofredoresGss/>>. Acesso em: 20 set. 2017.

3. Análise de Discurso: Referencial Teórico Metodológico

O referencial teórico-metodológico adotado nos permite, por meio do discurso, analisar as complexidades dos sujeitos que se materializam pela linguagem escrita. As condições sociais e históricas às quais o sujeito é submetido podem estar silenciadas por efeito da ideologia. A Análise de Discurso de matriz francesa (AD) tem Michel Pêcheux como seu principal estudioso. Um referencial teórico-metodológico cujo marco inicial situa-se na década de 1960 e que observa a materialidade linguística a partir do efeito de subjetividade proposto pela psicanálise dentro de seu contexto no materialismo histórico. O discurso é, assim, palavra em movimento e, ao estudá-lo, observamos o homem falando na sociedade (ORLANDI, 2009).

O discurso, objeto de análise para a AD, inscreve-se nas inter-relações do real, social com o sujeito histórico. O sujeito, para a AD, produz-se em determinado tempo e lugar, e sua concepção histórica está articulada à concepção de um sujeito ideológico.

A AD busca compreender esse movimento do simbólico da língua constituído pelo homem e sua história. Na perspectiva da AD, a palavra é um ato social com todas as suas implicações, relações de poder, constituição de identidades etc. (ORLANDI, 2012).

Os sentidos são produzidos por sujeitos inscritos na história, um processo simbólico que considera a ideologia e o inconsciente, compondo assim a formação discursiva (FD) em que esse sujeito se inscreve e como conceitua Assolini (2003, p.18) FD como “o lugar de constituição do sentido e da identificação do sujeito”. Este acredita ser livre, mas, segundo Pêcheux (1997, p. 160), FD é “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. Ou seja, os sentidos escapam ao próprio sujeito, quando a linguagem está em funcionamento pelo discurso, ao mesmo tempo que este se relaciona com outros, o que chamamos de interdiscurso, o entrecruzamento entre a história, o desejo e o poder.

O discurso materializado pela linguagem nos reporta, também, aos aspectos materiais da ideologia, ou seja, é “no discurso que se pode observar a relação da língua com a ideologia” (ORLANDI, 2002, p. 31). Apesar da opacidade da linguagem, “existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177).

Apresentamos acima alguns conceitos fundamentais sobre nosso aporte teórico com o intuito de esclarecer sobre a não transparência da linguagem que nos remete a um embate discursivo constante pela própria opacidade dos dizeres. Cientes da incompletude que nos constitui, a seguir nos deteremos no *corpus* discursivo selecionado.

4. Análises Discursivas: Gestos Interpretativos

Diariamente as “comunidades” compartilham, na rede social *Facebook*, imagens e textos também conhecidos como “posts” ou “postagens” como faz a página “Professores Sofredores”. As postagens são replicadas e compartilhadas por toda a rede, fazendo circular os sentidos sobre a profissão docente. De acordo com a perspectiva discursiva, *corpus* se refere a um recorte de dados determinados pelas condições de produção sócio-históricas.

Apresentamos a seguir, os dizeres de uma publicação na página Professores Sofredores que acompanha um cartaz de propaganda para nossa análise.

“Um país onde o Luciano Huck divulga a profissão de professor como um “complemento de renda” não tem como dar certo”.

Logo a seguir, acompanhando esses dizeres tem-se um cartaz de propaganda que circulou na mídia, primeiramente, para depois circular na página e que contribuirá para análise e discussão.

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA 2017
SEGUNDA GRADUAÇÃO
TORNE-SE PROFESSOR E AUMENTE SUA RENDA.
Chegou o curso de Formação Pedagógica.
Realize a 2.^a Graduação e torne-se professor.

SDR 1: “Um país onde o Luciano Huck divulga a profissão de professor como um “complemento de renda” não tem como dar certo”.

Ao procedermos a leitura dos dizeres que antecedem o cartaz, inicialmente nos deparamos com um sujeito enunciador que se inscreve em uma posição contrária aos dizeres do post e tenta demonstrar uma neutralidade ilusória ao se referir ao Brasil, usando um artigo indefinido, um país. Esse sujeito explicita que, se cursos de formação de professor que fazem uma divulgação em estilo de captação de clientes interessados no aumento de sua renda, com o uso de uma personagem da mídia, Luciano Huck, ligada ao entretenimento de massa e não à educação, é porque existe uma demanda mútua entre fornecedor e consumidor, em que a mercadoria é uma formação de professor em nível paliativo.

Para perscrutar o genérico discursivo, complemento de renda, encontramos no dicionário Priberam online que a palavra ‘com·ple·men·to’ tem origem no (latim *complementum*, -i), um substantivo masculino, “1. Parte que se junta (ou falta) a outra, para esta formar um todo completo”⁴. Ou seja, a formação pode ser realizada de forma a completar uma formação outra qualquer, e como se essa complementariedade fosse suficiente para habilitar o candidato/formando a se tornar um professor. Uma formação que não demandaria grande empenho, por não ser a formação principal, e não importando a formação básica ou inicial do profissional.

⁴ Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/complemento>>. Acesso em: 20 set. 2017.

Dessa maneira, o mercado mascara a formação docente desconsiderando a complexidade que a formação exige, tanto no aspecto social quanto político.

A seguir, na sequência discursiva, não tem como dar certo, o não é um advérbio de negação que não deixa espaço para qualquer outra possibilidade de sentido em sua compreensão. A AD considera que, quando algo se diz, algo deixa de ser dito, ou seja, o que deixa de ser dito é o dar errado. O uso do genérico discursivo dar certo é usado para criticar a propaganda, mas indica também um posicionamento de sujeito que atribui à educação uma propriedade passiva de “poder (ou não)” dar certo. Visto isso, entendemos que a formação proposta parece ser afetada pelos interesses do capital e acaba por negligenciar o objetivo primeiro da profissão professor, a sua formação profissional, pois não foi planejada, conquistada, ou “bem sucedida”, mas como algo que pode passivamente ser dada (ou não) como certa.

Em sua crítica à propaganda, o autor transparece a ambiguidade de ao mesmo tempo ser crítico ao desmerecimento do tratamento da profissão professor, pelo próprio nome atribuído à página, “Professor Sofredor”, corrobora com o veredito final de sua crítica à propaganda “não tem como dar certo” pela propriedade passiva que subjaz ao sentido e deixa em aberto a possibilidade de dar certo.

Percebemos que o sujeito enunciador desse recorte tem o intuito de aproximar-se do leitor por uma pretensa informalidade, mas ao mesmo tempo seu inconsciente se manifesta, pois ele está inserido na mesma FD, capturado pelas condições de produção de trabalho que o mercado exige e, assim, nós “vamos nos tornando autômatos programados para alcançar metas não importando como” (SOARES, 2015, p. 17) capturados ideologicamente.

Finalizamos essa primeira análise com Pêcheux (1996, p. 148):

Permitam-me apenas ressaltar que o traço comum a essas duas estruturas, respectivamente chamadas de ideologia e inconsciente, é o fato de elas operarem ocultando sua própria existência, produzindo uma rede de verdades subjetivas evidentes, com o “subjetivas” significando, aqui, não que afetam o sujeito, mas em que o sujeito se constitui.

Os dizeres de Pêcheux fazem-nos retomar a história sobre a docência, que mencionamos com Nóvoa et al. (1999), em consonância com Achard (1999), de que a memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação e implica a retomada e circulação de discursos. Entendemos que os efeitos de sentidos desde a colonização reverberam ainda nos dias atuais.

Figura 3 – Notícia jornalística



Imagem retirada da página Professores Sofredores.

SDR 2: “Professores e garçons estão entre os bicos mais buscados”

SDR 3: “BRASIL: PROFESSOR = BICO / 58º COLOCADO DENTRE 64 PAÍSES NO RANK DA OCDE”

Seguimos com a leitura e análise da SDR 2, conforme Figura 3, ressaltando que a notícia foi impressa pelo Jornal Metro de Campinas, com distribuição gratuita em 30/05/2016. Após alguns dias, na referida página circulou a postagem apresentada acima. O que desencadeou mais de 19 mil compartilhamentos e 5 mil reações. Nesse ponto, é necessário realizar uma análise dupla: o recorte jornalístico citado e a postagem referente a esse recorte.

Consideramos, em primeiro plano, o recorte da manchete jornalística citada na postagem, Professores e garçons, nomes de duas profissões que se inscrevem, segundo a AD, em diferentes FD (formações discursivas). Estas constituem o sujeito e revelam a realidade social de cada um e o lugar que ocupam na história, ou seja, as condições de produção sócio-históricas que os constituem.

O sujeito enunciador da manchete demonstra pertencer a uma FD diferente de professor ou de garçom, ao colocar em uma mesma categoria professores e garçons por meio do conectivo e, ligados por meio do significante bico.

Ambas as profissões podem ser consideradas de categorias diferentes devido à formação necessária a cada uma. A formação que condiz a elas se diferencia, a princípio, pelos níveis técnico e universitário. Para além dessa diferença, existe uma questão de desrespeito com a aspiração profissional e a educação como profissão. A manchete a qual a postagem se refere, os bicos mais buscados, abala a idealização de ascensão profissional que é associada à categoria de professor.

Os efeitos de sentidos de indignação podem eclodir em forma de reflexão crítica ou simplesmente em protestos estéreis.

Prosseguindo sobre o texto produzido pela página, analisamos agora a SDR 3, conforme Figura 3.

Em segundo plano, a postagem nesta página do *Facebook* demonstra um “abalo” causado pela manchete, à medida que a quantidade de compartilhamentos e reações entre indignação e desprezo, mas que não pode ser desprezada. Essa manchete leva a uma linha de raciocínio de declínio da valorização da profissão professor constatada na atual conjuntura de tendência neoliberal em que o país de encontra.

O sujeito enunciador da página inicia uma nota, por cima da manchete do jornal, com o nome próprio de nacionalidade, BRASIL, seguido de dois pontos. Apoiamo-nos no conceito de dois pontos para o entendimento. Dois pontos é um substantivo masculino de dois números, sinal de pontuação (:) que antecede uma citação, uma enumeração ou uma explicitação, segundo o Priberam⁵. Assim sendo, o que vem após os dois pontos, nesse caso, é uma explicitação generalizante de que professor e bico são iguais, equiparam-se, produz-se então uma rede de verdades subjetivas evidentes, como diz Pêcheux (1996). Os efeitos de sentidos que a página deixa escapar são de concordância com a manchete do jornal de que ser professor é um bico. Na verdade, contradiz ao seu próprio histórico, “a classe docente precisa se unir e ser valorizada”.

Podemos perceber como o sujeito, ao enunciar, foi ideologicamente capturado, pois, segundo Gnerre (1991), a linguagem é o arame farpado do poder. Não há sujeito sem ideologia e nem ideologia sem sujeito. “palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1997, p. 160). O sentido de uma palavra não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas em jogo no processo sócio-histórico no qual são (re)produzidas.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico ou Econômico (OCDE) que, segundo o site “Mundo Educação”⁶, é um fórum internacional que promove políticas públicas entre os países mais ricos do planeta, isto é, que apresentam os mais elevados Índices de Desenvolvimento Humano (IDH). Justifica-se assim, pela OCDE, a colocação do país que desvaloriza a profissão professor, considerando-a como bico.

Finalizamos nossa análise, concluindo que, de fato, a linguagem não é transparente, ela é opaca, deixa brechas. Os sujeitos são capturados, inconsciente e ideologicamente.

5 Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/dois%20pontos>>. Acesso em: 20 set. 2017.

6 Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br>>. Acesso em: 20 set. 2017.

5. Considerações Finais

As redes sociais constituem a vida social e são importantes espaços para a circulação de discursos e sentidos. Olhar para esse espaço, portanto, parece-nos imprescindível pela mobilidade que oferece para os sujeitos dos discursos.

É importante observar que a referida página do *Facebook* mostra-se ambivalente em relação à sua própria crítica de como a profissão professor deve ser entendida. Ao mesmo tempo que incita seus leitores a “trocar experiências”, a “se unir e se valorizar”, assume estratégias de protesto como “desabafo”, e “reclamação do SALÁRIO” e do “crescente mau comportamento dos alunos”. Não há menção sobre a carência e/ou baixa qualidade de possibilidades de formação aos professores. Uma formação de qualidade que os possibilitasse assumir responsabilidade sobre sua valorização e reconhecimento social, e melhor desenvolvimento crítico de seu papel perante uma geração de alunos que acabam por serem rotulados de mal comportados. O sujeito professor fica pressionado entre uma geração de alunos que seguem padrões diferentes de acesso ao conhecimento, e condições de formação e trabalho que não lhe possibilitam o mínimo necessário para exercer sua profissão da forma como pede a tradição, e muito menos da forma como obriga a atual conjuntura de excesso de informação e escassez de raciocínio crítico.

A linguagem fornece a materialidade linguística, fonte de numerosos sentidos para que se possa (des)construir o que se apresenta como único e evidente até mesmo nas redes sociais, como o *Facebook*. Os discursos que circulam sobre a profissão do professor se entrelaçam e se dispersam com outros, como o do capital e do poder, causando inquietações e estranhamentos.

Nosso olhar, ao se voltar para o significado da profissão, como é discursivizada, imaginada, reconhece memórias históricas que reverberam sentidos e atualizam os discursos ou interdiscursos. É preciso contribuir para a desnaturalização dos sentidos produzidos na cibercultura.

O movimento de análise contribui com a Educação interrogando os sentidos que circulam sobre a profissão professor para que esta possa ser refletida criticamente, para após, existir a possibilidade de ser (re)conhecida e (re)valorizada.

Referências

ACHARD, Pierre. et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

ASSOLINI, Filomena Elaine Paiva. **Interpretação e letramento: os pilares de sustentação da autoria**. 283f. 2003. Tese (doutorado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

COURTINE, JEAN-JACQUES. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. **Policromia**, New Zealand, v. 1, n. 1, p. 14-35, jun. 2016.

DIAS, Cristiane. Do discurso digital: ciência, escrita e colaboratividade. **Fragmentum**, Santa Maria, v. 48, n. 37, p. 39- 45, Jul./Dez. 2016.

DIAS SOBRINHO, José. Professor universitário: contextos, problemas e oportunidades. In: CUNHA, M. I. et al. **Docência universitária: profissionalização e práticas educativas**. Feira de Santana, Bahia: UFES Editora, 2009, p.33-55.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2015.

GINZBURG, Carlo. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999. (Coleção TRANS).

NÓVOA, António. et al. (Orgs.). **Profissão professor**. Portugal: Porto Editora, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editoras, 2009.

_____. A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. **Cadernos Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 42, p. 21-40, Jan./Jun. 2002.

_____. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PAULA, Juarez de. Para além do século XX. **Revista Século XXI**, Brasília, Ano I, n. 1, p. 51-54, dez. 1998.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999.

_____. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. In: ZIZEK, S. (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 143-152.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SOARES, Enio José Porfírio. **Análises discursivas sobre a (des)construção do conceito de democracia**: dizeres e fazeres no contexto escolar. 2015. 171f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - FFCLRP, da Universidade de São Paulo - USP, Ribeirão Preto, 2015.

Como referenciar este artigo:

BOLSON, Renata Maira Tonhão, CARVALHO, Ricardo Fagundes. A discursivização da profissão professor na rede social *Facebook*: possíveis atravessamentos discursivos. **Tecnologia Educacional** [on line], Rio de Janeiro, n. 219, p. 07-18, 2017. ISSN: 0102-5503.

Submetido em: novembro/2017

Aprovado em: dezembro/2017